

JORNALISMO E LITERATURA NOS TEMPOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE DOS TEXTOS DE GEORGE ORWELL E RUBEM BRAGA

JOURNALISM AND LITERATURE IN TIMES OF WORLD WAR II: AN ANALYSIS OF TEXTS BY GEORGE ORWELL AND RUBEM BRAGA

Gisela Cardoso Teixeira 1

Resumo: Para descrever uma guerra, é possível que o correspondente não se prenda apenas ao gênero jornalístico, principalmente quando ele não pertence somente a este campo. Sendo assim, este artigo tem como objetivo analisar os textos produzidos durante a Segunda Guerra Mundial pelos correspondentes George Orwell e Rubem Braga. Mais especificamente, serão estudados os elementos constitutivos de duas narrativas de cada autor, extraídas dos livros “Crônicas da Guerra na Itália” (Braga) e “Literatura e Política: Jornalismo em tempos de guerra” (Orwell), observando suas semelhanças e diferenças em relação às estratégias discursivas utilizadas para a cobertura de guerra. Desse modo, parte-se da ideia das visadas enunciativas, assim como os gêneros predominantes nos discursos jornalístico e literário como estratégia de captação, além de mostrar certa heterogeneidade presente na cobertura de guerra enquanto discurso.

Palavras-chave: Jornalismo de Guerra. Literatura. Gêneros do Discurso. Correspondência de Guerra.

Abstract: To describe a war, it is possible that the correspondent does not use exclusively the journalistic genre, especially when he does not belong only to this field. Therefore, this article aims to analyze the texts produced during World War II by correspondents George Orwell and Rubem Braga. More specifically, the constituent elements of two narratives by each author will be studied, taken from the books “Crônicas da Guerra na Itália” (Braga) and “Literatura e Política: Jornalismo em tempos de guerra” (Orwell), observing their similarities and differences in relation to the discursive strategies used to cover the war. Thus, it starts from the idea of enunciative aims, as well as the predominant genres in journalistic and literary discourses as a strategy for capturing, in addition to showing a certain heterogeneity present in the coverage of war as a discourse.

Keywords: War Journalism. Literature. Discourse Genres. War Correspondence.

Introdução

Manter e seguir fielmente os fundamentos básicos do jornalismo que permeiam o imaginário sócio-discursivo profissional, como a imparcialidade e a objetividade, nem sempre é uma tarefa fácil em sua prática, principalmente diante do horror da guerra, quando os direitos humanos são violados e vidas são perdidas. Neste caso, o autor – que enquanto correspondente tem contato direto com a realidade do conflito armado – pode ter sua subjetividade identificada de forma mais nítida nas narrativas de seus textos jornalísticos, tentando transmitir os acontecimentos da guerra da forma mais detalhada e emocionada possível.

Sendo assim, neste artigo, pretende-se analisar os textos produzidos durante a Segunda Guerra Mundial pelos correspondentes George Orwell e Rubem Braga. Logo, serão estudadas duas crônicas de cada autor, observando suas semelhanças e diferenças com relação às estratégias discursivas utilizadas para a cobertura de guerra, partindo da ideia do “pathos”, do apelo à emoção, com a intencionalidade de criar uma proximidade do leitor com a realidade relatada. Com isso, são levadas em consideração as visadas enunciativas, assim como os gêneros predominantes, jornalístico e literário, nos textos como estratégia de captação.

É interessante mencionar, logo de início, que George Orwell e Rubem Braga são escritores mais conhecidos pelas suas obras literárias. Orwell, autor de clássicos mundiais como “A Revolução dos Bichos” e “1984”, trabalhou na Alemanha e França durante a Segunda Guerra Mundial, como correspondente para o jornal britânico “The Observer”. Anteriormente, também escreveu para os jornais “Tribune” e “Manchester Evening News”, além de ter tido um quadro na rádio “BBC” de Londres. É curioso observar que antes mesmo de atuar como jornalista, Orwell se baseava em suas experiências pessoais para compor algumas de suas obras literárias – como, por exemplo, “Dias na Birmânia” (1984) e “Na pior em Paris e Londres” (1933).

Já Rubem Braga, conhecido como um dos mais importantes cronistas brasileiros, já trabalhava como jornalista desde seus 15 anos, começando pelo “Correio do Sul”, e também fazendo reportagens e crônicas diárias para o jornal “Diário da Tarde”. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi enviado à Itália como correspondente de guerra para o “Diário Carioca”, acompanhando a Força Expedicionária Brasileira (FEB). As crônicas produzidas neste período serviram para a composição do livro “Com a FEB na Itália”, publicado em 1945.

Uma vez considerada a relação dos autores com o jornalismo e a literatura, são observadas, nesta pesquisa, as proximidades das linguagens jornalísticas e literárias nos textos. Para isso, a análise se fundamenta na teoria dos gêneros do discurso de Mikhail Bakhtin, relacionada à ideia de heterogeneidade discursiva proposta por Dominique Maingueneau.

Inicialmente, serão discutidos também alguns fundamentos propostos por Patrick Charaudeau a respeito das visadas enunciativas, mais especificamente a visada de informação, acerca do “efeito de patemização” nas narrativas de guerras. Em seguida, surge a análise do *corpus* (observando os conceitos apresentados nos elementos constitutivos das narrativas), sendo composto por quatro textos: “A procissão de guerra” e “Confissões”, de Rubem Braga (extraídos do livro “Crônicas da Guerra na Itália”); “Aliados enfrentam crise de alimentos na Alemanha” e “Camponeses bávaros ignoram a guerra”, do correspondente George Orwell (presentes no livro “Literatura e Política: Jornalismo em tempos de guerra”).

Por fim, ao realizar uma análise comparativa baseada em uma fundamentação teórica, são expostos os resultados que consistem na observação do uso diferenciado das descrições para compor a narrativa da realidade presenciada pelos correspondentes, seus gêneros predominantes, e as estratégias discursivas que consistem informar ao mesmo tempo em que buscam despertar os sentimentos e valores do leitor, estreitando assim as fronteiras entre recepção e campo de batalha.

Estratégias discursivas: as visadas enunciativas e o apelo à emoção do leitor

O gênero jornalístico utiliza muitas vezes estratégias para aproximar o acontecimento relatado ao leitor – sejam tais estratégias relacionadas à criação de uma verossimilhança ou

de dramatização, por exemplo. Nesse aspecto, Bakhtin (1992) afirma que todo processo de transmissão tem um fim específico, o que leva em consideração a terceira pessoa, ou seja, a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas. Nesta pesquisa, por exemplo, observam-se as estratégias utilizadas por George Orwell e Rubem Braga para aproximar o seu leitor com a realidade da guerra, tomando como hipótese o uso das descrições detalhadas e dos efeitos de dramatização.

Toda língua é reflexo das relações sociais dos falantes, tendo em conta o seu contexto sócio-histórico. Logo, uma enunciação tratada apenas como tema do discurso só pode ser categorizada superficialmente, pois, “para penetrar completamente no seu conteúdo, é indispensável integrá-lo na construção do discurso” (BAKHTIN, 1992, p. 22).

Ainda segundo Bakhtin (1992), o discurso interior é a essência da enunciação de outrem, ideologicamente significativo. Para o autor, a interação social dos indivíduos é essencial para o acontecimento da comunicação, com ocorrência entre o discurso narrativo e o discurso citado. Todos os discursos recebem influência do comportamento social do contexto em que estão inseridos – ou seja, mesmo que Orwell e Braga estejam em países diferentes, e direcionando um conteúdo para um público também distinto, ambos os correspondentes estão inseridos em um mesmo contexto que influencia a sua enunciação, o qual se trata da Segunda Guerra Mundial.

Retomando a ideia da presença de um fim específico no ato da transmissão, Charaudeau (2004) afirma que o princípio da influência orienta o ato de linguagem. O autor coloca o sujeito no centro da linguagem e considera em sua teoria que os sujeitos são parceiros em uma troca comunicativa, e que ambos possuem uma intencionalidade em seu discurso. Denominado de “princípio de influência”, está na origem de certas visadas, as quais determinam a orientação do ato de comunicação em função da relação que o sujeito falante quer instaurar ao seu destinatário.

O pesquisador destaca também um papel importante da situação da comunicação durante o processo enunciativo. Afinal, cada elemento da situação de comunicação (tais como as identidades dos parceiros, a finalidade, o propósito e o dispositivo) pode sugerir um modo de organização do discurso. Assim, esses elementos têm o poder de suscitar um conjunto de procedimentos discursivos que o falante dispõe para organizar o discurso de acordo com suas intenções.

As visadas correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte, da própria troca linguageira. As visadas devem ser consideradas do ponto de vista da instância de produção que tem em perspectiva um sujeito destinatário ideal, mas evidentemente elas devem ser reconhecidas como tais pela instância de recepção; é necessário que o locutor e o interlocutor possam recorrer a elas (CHARAUDEAU, 2004, p. 23).

Considerando, então, as visadas enunciativas como as intencionalidades que orientarão todo ato de linguagem, Charaudeau (2004) propõe inicialmente seis tipos de visadas: a visada de prescrição, de solicitação, de incitação, de informação, de instrução e de demonstração. No caso desta pesquisa, é levada em consideração a visada de informação, pois, na definição do autor, “o *eu* quer ‘fazer saber’, e ele está legitimando em sua posição de saber; *tu* se encontra na posição de ‘devo saber’ alguma coisa sobre a existência dos fatos, ou sobre o porquê ou o como de seu surgimento” (CHARAUDEAU, 2004, p. 24). Ou seja, trata-se de uma visada mais típica do discurso jornalístico, e até mesmo presente no literário.

Por fim, tal intencionalidade apontada por Charaudeau (2004) pode ser direcionada em maior medida para a busca da emoção. Ou seja, a fim de comover o outro, o sujeito enunciador ingressa em um processo de dramatização, utilizando argumentos que apelem aos sentimentos e aos valores do sujeito destinatário – o que provoca, então, um “efeito de patemização”.

O “pathos”¹, em uma definição mais literal, consiste no fenômeno da busca pela emoção. Esse conceito pode ser associado às estratégias de captação, que são mobilizadas quando o sujeito procura assegurar o interesse do interlocutor por aquilo que diz, em relação ao compartilhamento de sua opinião ou a adesão irracional aos seus próprios sentimentos. Para fazer isso, pode ser utilizada uma manipulação discursiva que atinge o componente afetivo de seu interlocutor (CHARAUDEAU, 2010, p. 9).

Sendo assim, em relação aos objetos selecionados para esta análise, leva-se em consideração um contexto histórico, mais precisamente os tempos de um determinado conflito armado, sendo interessante observar como são trabalhadas as estratégias, visadas e a intencionalidade dos correspondentes para comover o leitor por meio de um discurso em que diferentes gêneros, o jornalístico e o literário, se encontram e se completam.

Gêneros e heterogeneidade do discurso: fronteiras entre jornalismo e literatura na crônica

A utilização da língua é efetuada em forma de enunciados, sejam eles orais ou escritos, concretos e únicos, que provêm de uma determinada atividade humana. A partir dessa ideia, Bakhtin (2003) propõe o conceito dos gêneros do discurso, resultantes de cada esfera de utilização da língua, que elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados.

Em outras palavras, para Bakhtin (2003), os gêneros são agrupamentos discursivos originários de uma mesma área de produção de conhecimento e linguagem. Além disso, a escolha do gênero pelo enunciador é relativa a diversos fatores, como a ocasião, a situação, o grau de informação do receptor e entre outros. No caso desta pesquisa, por exemplo, observam-se os gêneros utilizados pelos correspondentes de guerra para levar a realidade do conflito ao leitor, o qual está distante dos campos de batalha.

Apesar de que alguns gêneros já possuem formas tão padronizadas – em que “o querer” do locutor já se manifesta em sua escolha –, o conceito não se restringe a uma característica sólida e homogênea. Conforme mencionado anteriormente, trata-se de formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinadas sócio-historicamente – logo, são suscetíveis a variações. Assim sendo, Charaudeau (2004) lembra que um gênero não possui características exclusivas, mas sim específicas. Logo, essa especificidade constitui uma classe heterogênea. Além disso, o pesquisador francês também ressalta que a situação de informação e as restrições discursivas e formais são dimensões fundamentais para a estruturação dos gêneros.

As ideias acerca da heterogeneidade podem também ser relacionadas ao conceito de interdiscursividade proposto por Maingueneau (1997, p. 122), em que afirma que “o discurso constrói, em um mesmo movimento, sua identidade e sua relação com outros discursos, os quais lhe permitem estabelecê-la”. Para o autor, a heterogeneidade está presente em todos os discursos, considerando a interdiscursividade como constitutiva. Logo, “os gêneros do discurso não apresentam uma classificação fundamentalmente definida devido à sua heterogeneidade funcional” (REBECHI JUNIOR; VOLCEAN, 2016, p. 12).

Um claro exemplo dessa variação nos gêneros do discurso, e que também serve para ser aplicado na análise desta pesquisa, é a crônica. Segundo Rebechi Junior e Volcean (2016), a crônica especializada em guerra pode ser considerada um gênero discursivo híbrido, uma vez que se encontra na interseção entre a linguagem jornalística e a literária. A crônica, em seu aspecto geral, literária ou jornalística, pode ser classificada como um gênero do discurso particular, narrando fatos do cotidiano no tempo presente, possuindo duas classificações: “pode ser observada quanto à natureza do tema e quanto ao tratamento dado ao tema” (REBECHI JUNIOR; VOLCEAN, 2016, p. 16).

Uma vez considerada a crônica como possuidora de características dos gêneros jornalístico e literário, vale ressaltar alguns elementos desses dois gêneros. Muitas vezes, o discurso jornalístico é associado ao imaginário da objetividade e da imparcialidade, em que se estabe-

1 Uma vez que o ethos se refere às características do orador que podem influenciar o processo de persuasão, o pathos diz respeito ao apelo ao lado emocional do público-alvo, enquanto o logos se trata da argumentação do conteúdo do discurso. Segundo as ideias aristotélicas, esses são os três aspectos fundamentais na persuasão.

lece uma estrutura textual a ser seguida, como o “lead” jornalístico, enquanto na literatura são permitidos traços da subjetividade do enunciador.

De acordo com Marques (2008), o discurso jornalístico, em geral, tende a criar estratégias de contato com o leitor, e para a elaboração de seu discurso, são propostas algumas práticas que garantem a sua legitimidade perante o leitor, o que está relacionado às práticas da apuração; do contato do autor com a realidade relatada, garantindo uma credibilidade às suas palavras. Além disso, o discurso jornalístico utiliza números, estatísticas e o recurso da “polifonia”, que consiste em ouvir e relatar o maior número de fontes possíveis.

No entanto, conforme defendem Keske (2006) e Pereira Lima (1995), o jornalismo e a literatura já se convergiam e se mesclavam até antes do início do século XXI. A diferença, segundo Pereira Lima (1995), seria que, mesmo representando o real, o fator factual não é a principal preocupação do discurso literário, ao contrário do que acontece com o jornalístico. Já de acordo com Serefin (2013, p. 23), “ao se propor a cumprir a tarefa de relatar e transmitir informações acerca da realidade, o jornalismo importa formas de expressão da literatura, sem deixar de adaptá-las e aplicá-las à sua maneira”.

Chamado de “O Novo Jornalismo”, o jornalismo literário, segundo Pereira Lima (1995), recorre às narrativas jornalísticas que fazem uso de recursos literários para construir o seu discurso. Logo, “os autores assumem a presença do subjetivo não como um indício de ficção, mas como possibilidade de aprofundar o relato” (SEREFIN, 2013, p. 19).

Para Medina (1996), a diferença sistemática entre jornalismo e literatura está fundamentada em termos de linguagem: enquanto o gênero literário permite o uso do caráter conotativo, o jornalístico tende a assumir a função denotativa como predominante. Além disso, a literatura permite o uso da ficção, ao contrário do jornalismo. Já o principal aspecto em comum entre jornalismo e literatura, segundo Sodré (2012), está no texto narrativo, permitindo uma transição entre os dois campos. Por exemplo, na literatura, é possível observar textos híbridos (literários e informativos).

Com isso, é possível dizer que jornalismo e literatura não são excludentes, mas sim complementares, conforme salienta Keske (2006). E um exemplo dessa hibridização entre os gêneros é a crônica, uma vez que possui o poder de narrar seguindo formas-padrão do gênero literário, ao mesmo tempo em que se pode informar o receptor, de acordo com os fundamentos do gênero jornalístico.

Construções enunciativas das narrativas de guerra: o espaço, o tempo e os seres em George Orwell e Rubem Braga

A descrição é um gênero textual tanto usado pela literatura quanto pelo jornalismo, sendo que a caracterização do ser e do ambiente é o fator importante nos textos. Porém, no caso do jornalismo, a descrição tende a ser objetiva, dando destaque para os elementos característicos daquilo que se relata. Em textos literários, por sua vez, é permitido que a descrição seja também subjetiva – ou seja, as impressões, sensações e emoções do autor também são apresentadas, interferindo e modificando as características daquilo que está sendo apresentado.

No caso dos textos das coberturas de guerra por George Orwell e Rubem Braga, os dois tipos de descrição – logo, os discursos jornalísticos e literários – se convergem: enquanto ambos os autores descrevem as características do espaço em que se encontram, também colocam em evidência a sua subjetividade, suas impressões a respeito daquilo que experimentam, aprofundando-se no relato de guerra que querem transmitir ao destinatário.

Segundo Charaudeau (2004), o modo descritivo se compõe de três componentes: nomear, localizar-situar e qualificar. Esses componentes são implementados no discurso por meio de procedimentos discursivos de identificação (nomear), de construção objetiva do mundo (localizar-situar) e de construção subjetiva do mundo (qualificar), que, por sua vez, se utilizam de categorias da língua para a concretização da construção descritiva. Além disso, a encenação descritiva produz certo número de efeitos, que podem ser regulados por razões subjetivas e pela finalidade da situação de comunicação em que a descrição se inscreve.

George Orwell, por exemplo, durante a sua passagem pela Alemanha em abril de 1945, produziu o texto “Camponeses bávaros ignoram a guerra” (subtítulo: “Alemães sabem que estão derrotados”), em que ao mesmo tempo em que informa o leitor sobre o percurso da guerra, expõe seus pensamentos a respeito daquilo que presencia por meio das descrições.

Surpreendentemente, a vida dos vilarejos continua a mesma, ainda que em meio aos combates. O gado marcha tranquilamente em frente ao rastelo, enquanto os tiros ecoam vindos das encostas circundantes, e a maioria dos camponeses parece mais temerosa com os ataques de refugiados – trabalhadores estrangeiros libertados – do que eventuais bombas. Há um ou dois dias, entrei no vilarejo de Wimmelbach, a oeste de Nuremberg, logo após a passagem das unidades de desembarque da 12ª Divisão Armada norte-americana. Logo à saída da vila um bloqueio de estrada despedaçado, um ou dois cadáveres, um tanque abandonado, e um pomar esburcado por tiros de morteiro assinalavam o local onde os alemães ofereceram resistência. O próprio vilarejo foi bombardeado. Inúmeras casas estavam em chamas. No alto da encosta próxima, armas autopropulsionadas e pesadas metralhadoras já abriam fogo sobre a vila seguinte e pelotões de prisioneiros alemães miseravelmente vestidos, as mãos amarradas atrás das cabeças, eram escoltados por soldados entediados, empunhando seus rifles (ORWELL, 2006, p. 71).

Usando a primeira pessoa, no texto acima, Orwell narra a cena que presenciou, informando ao leitor a respeito da realidade da guerra. Além do uso dos adjetivos, também se preocupa com a atualidade de seu relato (ou melhor, a factualidade), quando menciona uma data aproximada de sua presença no local (como na passagem “há um ou dois dias, entrei no vilarejo de Wimmelbach”). Além disso, observa-se também uma preocupação com a cronologia dos fatos narrados, seguindo um curso linear, o que colabora na inserção do leitor na realidade enquanto lhe é narrada.

Rubem Braga também faz uma detalhada descrição do espaço em que se encontra. No entanto, a sua subjetividade aparece com mais evidência ao promover uma espécie de reflexão sobre o papel da figura humana naquela situação, trabalhando em um nível filosófico do espaço – conforme pode ser observado no trecho a seguir, extraído da crônica “A procissão de guerra”.

As estradas da Itália são boas, mas estreitas. É preciso paciência. A esta hora, em milhares de outras estradas do mundo os caminhões estão assim, em comboios, rodando para a guerra ou a retaguarda. Temos, de repente, a consciência de tomar parte em uma estranha e lenta procissão – homens e máquinas rodando para a guerra (BRAGA, 1996, p. 49).

A subjetividade na enunciação de Braga também pode ser observada quando o autor sobrepõe os próprios sentimentos e ações dos personagens à descrição do ambiente, fazendo até mesmo o uso de figuras de linguagens (como metáforas, por exemplo) que confere um maior apelo à emoção do leitor.

Entramos em uma cidade e durante 20 minutos avançamos por ruas onde não há uma só casa em pé. Da primeira vez, confrangem essas ruas de casas estripadas que mostram

as vísceras de suas partes íntimas, num despudor de ruína completa. Parecem mulheres de ventres rasgados (BRAGA, 1996, p. 50).

Essa mescla de detalhes descritivos com os sentimentos do autor também é utilizada por Orwell no texto “Aliados enfrentam crise de alimentos na Alemanha”, em que o autor expõe explicitamente a sua impressão daquilo que presenciou.

Quando, há apenas algumas semanas, visitei um campo de 14 mil refugiados na Renânia, comoveram-me a maneira sensível com que os oficiais americanos no comando lidavam com a questão e o óbvio regozijo dos refugiados por se verem livres das garras alemãs. Naquele momento, porém, o problema era ainda de proporções controláveis (ORWELL, 2006, p. 68).

Já na narrativa de “Confusões”, Braga investe em uma sequência cronológica dos fatos (com os verbos, em sua maioria, no pretérito), assim como na identificação dos personagens envolvidos no acontecimento e a descrição dos detalhes. Ou seja, sua maior preocupação é narrar o seu relato, destacando os personagens.

Aconteceu que saiu uma patrulha com dois sargentos, 9 soldados e um ‘partigiano’. A certa altura ela se dividiu em dois grupos. O sargento José Rodrigo de Oliveira Ribeiro, que chefiava um deles, viu uma casa onde supunha que houvesse alemães. Deixou três homens esperando atrás de um barranco e avançou cautelosamente com o soldado Eurico Domingos Porto. Os dois homens andavam a certa distância um do outro – os dois metidos em seus capotes brancos com capuzes brancos. O sargento ia andando com todo cuidado quando viu um soldado a alguns metros de distância. Teve a impressão que o soldado ia lhe dizer alguma coisa, e, levando um dedo à boca, e franzindo o sobreceixo, fez um gesto para que ele não dissesse nada, ficasse em silêncio, para não despertar a atenção do inimigo que devia estar dentro de casa. O soldado fez um gesto que sim com a cabeça e acrescentou baixinho: “- Ya, ya!” (BRAGA, 1996, p. 96).

Como pôde ser observado, o trecho acima se trata de um relato de um determinado acontecimento em que o autor não se insere na narrativa devido ao uso da terceira pessoa. Logo, ao mesmo tempo em que utiliza os elementos do discurso literário, Braga também busca informar o leitor brasileiro a respeito do que ocorre com o exército do país em meio à guerra, aproximando-se mais, então, do discurso jornalístico.

Ambos os correspondentes, ao criar uma descrição detalhada do espaço, proporcionam ao leitor distante da guerra uma visualização do cenário. Além disso, tais descrições ainda são ancoradas à visão de mundo dos autores – ou seja, seus valores que influenciam em suas impressões. Logo, esse apelo à emoção do leitor em meio às descrições pode ser relacionado ao conceito de dialogismo de Bakhtin (1992) e à intenção de captação de Patrick Charaudeau, uma vez que o correspondente cria estratégias discursivas específicas para se dirigir à recepção e captar sua atenção – neste caso, refere-se ao possível objetivo de inserir o leitor na realidade da guerra.

Discurso jornalístico versus literário nas narrativas dos *fronts* de batalha

A crônica também possui o poder de informar. Sendo assim, nos textos analisados, é possível identificar a visada informativa de Charaudeau (2004): para isso, os autores utilizam determinadas estratégias que garantem legitimidade ao discurso jornalístico, como a tática da apuração por meio do uso de números, relatos de fontes e entre outros.

George Orwell, mesmo inserindo suas impressões e valores em meio às suas narrativas, utiliza tais estratégias do discurso jornalístico em seu relato, conforme pode ser analisado no trecho a seguir, em que fala a respeito da dificuldade das forças aliadas de lidar com o grande número de refugiados de guerra.

A dimensão que isso tomou desde então pode ser ilustrada com alguns números. Na França, os exércitos aliados liberaram 100 mil refugiados e, na Alemanha, na margem ocidental do Reno, outros 100 mil. Na primeira semana de abril, o número elevava-se a cerca de um milhão, e, no momento, acredita-se que esteja em torno de 2 milhões. Uma vez que há ao menos 7 milhões de pessoas deslocadas na Alemanha e nos territórios ocupados pelos nazistas, a expectativa é que o total chegue possivelmente a 10 ou 12 milhões, excluindo-se os prisioneiros de guerra (ORWELL, 2006, p. 68-69).

O uso de números, neste caso, vai além da simples intenção de ilustrar a dimensão da situação, e de garantir veracidade à problemática de seu relato: como, também, de chamar a atenção do leitor em relação à consequência da guerra, o que pode despertar-lhe certo espanto, provocando então um *efeito de patemização*. Além disso, é interessante observar que Orwell não cita a fonte de onde extraiu os números citados – uma vez que, de acordo com as normas jornalísticas, é preciso que o repórter mencione de onde vem sua informação para também garantir legitimidade às suas palavras. No entanto, vale lembrar que pelo simples fato do enunciador ser denominado de “correspondente local”, seu relato já pode adquirir até de forma imediata certa credibilidade pelo público.

Outro exemplo de Orwell em relação aos elementos do discurso jornalístico pode ser visto em “Camponeses bávaros ignoram a guerra”, em que utiliza relatos de fontes para tratar a respeito da questão dos prisioneiros de guerra.

Um prisioneiro inglês descreveu como, à sua chegada, ele e seus companheiros atiraram um pouco de sopa sobre a cerca aos russos esfomeados, que rapidamente devoraram. Outro contou-me de um campo na Sibéria onde, quando um prisioneiro russo morria, seus camaradas cobriam seu corpo com um cobertor e fingiam que estava apenas doente, a fim de continuassem a sorver sua ração de sopa por alguns dias a mais. Um prisioneiro norte-americano – um oficial – resumiu a situação ao apontar para as figuras esqueléticas no acampamento russo e salientar: “A única coisa que nos salvou de estarmos na mesma condição daquelas pessoas ali foram as remessas de casa” (ORWELL, 2006, p. 75).

Apesar de não citar os nomes das fontes, Orwell faz uso de suas declarações por meio de citações diretas e indiretas. Além disso, é possível dizer que seu relato se aproxima também do discurso literário, o que também pode servir de estratégia para a sua intencionalidade de prender a atenção do destinatário em sua leitura.

Apesar de suas narrativas terem um vínculo mais forte com o discurso literário, conforme analisadas suas descrições anteriormente, Braga também faz uso do gênero jornalístico, em relação ao fato de informar objetivamente determinado acontecimento, como ocorre nos

dois parágrafos finais da crônica “Confusões”.

Outros homens que participaram dessa patrulha: José Marcelino Vieira, Pedro José Mendes, Benedito Canuto dos Reis, João Alves de Lima, Sebastião Cassiandro, Cecílio Sousa Ferreira Filho e José Pinto de Freitas. O soldado Érico, depois de sair na patrulha, notou que sua metralhadora estava engasgada – de fato falhou – mas mesmo assim quis continuar, levando apenas granadas de mão, e assim matou um tedesco. Érico foi ferido na perna, mas recusou-se a ser carregado pelos companheiros, voltando à posição andando. Seu ferimento não tem gravidade (BRAGA, 1996, p. 97).

Como também já observado, Braga possui certa preocupação em identificar os personagens de suas narrativas. Porém, é interessante lembrar que Braga está acompanhando as tropas militares de seu país pelos campos de batalha, ao contrário de Orwell. Sendo assim, é válido traçar uma possível intencionalidade de Rubem Braga querer enaltecer a figura do soldado brasileiro ao seu público, o que pode despertar certo sentimento de patriotismo no leitor, o que se refere, mais uma vez, a uma estratégia de captação.

Aliás, é curioso observar como os títulos dos textos dos autores também revelam uma maior proximidade com o gênero jornalístico ou literário: em “Aliados enfrentam crise de alimentos na Alemanha” e “Camponeses bávaros ignoram a guerra”, de George Orwell, observam-se em sua estrutura orações diretas e que já informam sucintamente o acontecimento que será abordado no texto. Já Rubem Braga oferece os títulos “A procissão de guerra” e “Confusões”, não informando especificamente o que busca relatar, considerando que as suas narrativas se aproximam mais da crônica literária.

Porém, vale ressaltar, mais uma vez, que ambos os autores utilizam elementos dos dois discursos em questão, mas é possível que haja a predominância de um em relação ao outro. Braga, por exemplo, além de investir na identificação dos personagens, também elabora uma reflexão filosófica acerca do que presencia na guerra. Porém, essa característica não lhe é exclusiva, como pode ser observado na comparação dos seguintes trechos:

Avançamos entre os montões de tijolos, pó e traves quebradas. Agora isso já não interessa aos nossos olhos: essa desgraça é monótona. Entretanto, nessa cidade devastada pela maldição da guerra, onde nem os ratos se arriscam mais, há alguma coisa que ainda chama atenção e comove. É um arbusto que tombou entre os escombros – mas em meio à montoeira do entulho ainda tenta sobreviver, e permanece verde, sugando, por escassos canais, debaixo da terra calcinada, alguma seiva rara. Essa pequena árvore que recusa a morrer, essa pequena árvore patética, é a única nota da humanidade do quartelão arrasado (BRAGA, 1996, p. 49).

À medida que alguém caminha por este tranquilo campo com estradas tortuosas ladeadas por cerejeiras, com seus vinhedos e seus santuários, há uma questão que se impõe cada vez mais: até que ponto podem os camponeses bávaros obviamente simples e gentis, que marcam para a igreja nas manhãs de domingo com suas roupas negras e descentes, serem responsáveis pelos horrores nazistas? (ORWELL, 2006, p. 74).

No caso dos trechos acima, os autores não possuem apenas a intenção de informar de

forma objetiva o que aconteceu no campo de batalha, mas também levar o seu leitor a uma reflexão a respeito da guerra em si: Braga compara o arbusto que resistiu à guerra com a persistência humana em tempos de horror, enquanto Orwell reflete com a intenção de desconstruir a imagem de inimigo dos civis inocentes alemães.

Sendo assim, George Orwell e Rubem Braga ora fazem uso do gênero jornalístico, ora do gênero literário. Ambos podem aparecer até mesmo em uma mesma narrativa, valendo então a observação sobre qual deles é predominante, e atentando-se à intenção de informar (“fazer saber”) por meio do uso de diferentes graus de dramaticidade (“fazer sentir”).

Considerações Finais

A partir da análise da cobertura de guerra de George Orwell e Rubem Braga, é possível dizer que as narrativas foram constituídas tanto por elementos da linguagem jornalística quanto literária, observando então uma heterogeneidade discursiva em seus textos. No entanto, foi visto que um gênero pode predominar em relação a outro, permitindo uma flexibilidade de estilos narrativos, já que uma temática cotidiana inserida em um mesmo contexto pode chegar ao leitor com diferentes direcionamentos e causar determinadas sensações, de acordo com as intencionalidades e o estilo de narrar de cada correspondente.

Ambos os autores analisados se preocupam em descrever detalhadamente a cena que presenciam, seja de maneira objetiva ou subjetiva, em uma ordem cronológica dos fatos. Mas enquanto George Orwell se aproxima mais da linguagem jornalística, principalmente por meio das estratégias de apuração, Rubem Braga cuida da identificação dos personagens constituintes do relato, além de expressar sua subjetividade de forma mais nítida através de reflexões filosóficas em torno da guerra.

Ou seja, os dois autores apelam à emoção do leitor – por meio das descrições detalhadas e de suas reflexões pessoais –, a fim de aproximá-lo da realidade de uma guerra geograficamente distante, ou até mesmo inseri-lo nela. Neste caso, ocorre o fenômeno do “pathos”, conforme menciona Charaudeau (2004): afetar o sujeito receptor pelos valores e emoções. Contudo, o grau de dramaticidade pode variar de acordo com o estilo narrativo do autor.

Por fim, pode-se dizer que as narrativas dos correspondentes de guerra têm o poder de afetar as emoções do leitor ao mesmo tempo em que também podem informá-lo. Logo, tal visada informativa pode recorrer a esse “efeito de pathos” para aproximar o leitor da realidade da guerra, ao mesmo tempo em que pode trazer certa credibilidade e verossimilhança ao seu relato proveniente diretamente do “front” de batalha.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. O “Discurso de Outrem”. In: **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1992. p. 144-154.

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 277-327.

BRAGA, Rubem. Confusões. In: **Crônicas de guerra na Itália**. Rio de Janeiro: 3ª ed. Record, 1996. p. 96-97.

_____. A procissão de guerra. In: **Crônicas de guerra na Itália**. Rio de Janeiro: 3ª ed. Record, 1996. p. 48-49.

CHARAUDEAU, Patrick. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, Grenissa & DE PAULA, Luciane (Orgs). **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**. Uberlândia: Edufu, 2010.

_____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.

& MELLO, R (Orgs). **Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE UFMG, 2004.

KESKE, Humberto Ivan. *O new journalism* entre o factual e o ficcional: das aproximações entre literatura e jornalismo. In: **Animus**. Santa Maria, v. 5, n. 1, p. 133-150, jan./jun., 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. Do Discurso ao Interdiscurso. In: **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Pontes: Unicamp, 1997.

MARQUES, Ester. **Estruturas do Discurso Jornalístico**. 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0528-1.pdf>. Acesso em 27 de janeiro de 2017.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas: Editora da Ulbra, 1996.

ORWELL, George. Aliados enfrentam crise de alimentos na Alemanha. In: LOPES, Sérgio. (tradução). **Literatura e política: jornalismo em tempos de guerra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 68-71.

_____. Camponeses bávaros ignoram a guerra. In: LOPES, Sérgio. (tradução). **Literatura e política: jornalismo em tempos de guerra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 72-75.

REBECHI JUNIOR, Arlindo; VOLCEAN, Tamires. As crônicas de guerra dos correspondentes Rubem Braga e Joel Silveira: análise dos elementos constitutivos da narrativa. In: **Intercom**. Jun. (2016). Disponível em <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0990-1.pdf>. Acesso em 30 de maio de 2017.

SEFERIN, Carolina Timm. **Entre o jornalismo e a literatura: um estudo de Na pior em Paris e Londres, de George Orwell**. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/77213>. Acesso em 24 de janeiro de 2017.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

Recebido em 04 de março de 2018.
Aceito em 23 de agosto de 2021.